

A FORMAÇÃO DO HOMEM PARA A SOCIEDADE

239585

Eng. Hermes Ferraz

OBJETIVOS UNIFICADORES

A educação é a força motora que orienta as modificações necessárias ao meio social; assim sendo, o objetivo do ensino, "para o quê se ensina", adquire importância capital, define a responsabilidade do sistema educativo, e pode tomar como objetivo **formar** o cidadão, isto é, preparar o indivíduo para viver em cooperação com seus semelhantes. Este objetivo contrapõe-se aos objetivos de certos grupos, tais como o sistema econômico, que pretendem conduzir a cultura da humanidade tendo em vista seus interesses exclusivos, sobrepondo-se aos interesses gerais da sociedade. Segundo Miguel Reale (1980, p. 192), deve-se "educar para um valor, orientar o querer do homem pra alcançar algo de efetivamente válido: o valor do bem, da beleza, da utilidade, o variegado espectro de valores que condiciona o modo de agir da espécie humana". Este valor é o bem comum, o valor da ação do homem em sociedade, o único juiz dos valores materiais, morais e espirituais que formam o mundo material, tecnológico e humano de hoje.

Não sendo assim, isto é, não havendo um objetivo unificador — ou vários — para nortear o ensino, a sociedade esfacela-se, em virtude do império de forças desintegradoras, representadas pelas especializações, tornando-se perigosamente vulnerável. Segundo a UNESCO (1978, p. 291), "Hoje, não é possível abordar as reformas educativas de modo fragmentário, sem encarar o conjunto de objetivos e modalidades da ação educativa. Para saber como unificar os fragmentos, torna-se necessário conhecer o conjunto do domínio..." A necessidade de criar uma política de educação completa, integrada, unificada, deve levar os homens do sistema educativo a formular objetivos de conjunto, em todos os escalões do ensino e para todas as escolas do país. Esta integração, ou unificação, deve dar-se nas atividades do pensamento e nas ações. A maioria dos soció-

logos modernos tem demonstrado pouca compreensão a respeito das necessidades dessa integração espiritual e por isso não tem engendrado métodos para realizá-la. Mannheim (1972, p. 371) explica esta omissão: "Talvez isto seja devido ao fato de serem eles, em sua maior parte, fruto de uma atitude de protesto contra a ordem social existente, como foi o caso do liberalismo, do marxismo, do anarquismo e do sindicalismo". Em síntese, tem-se procurado realizar a integração do homem no convívio social por meio de coerções externas, o que não deixa de ser uma espécie de violência, em lugar de conduzir as forças morais e espirituais dos indivíduos, no rumo da cooperação para o bem comum.

A COMPETIÇÃO E O INDIVIDUALISMO

A sociedade moderna — inclusive nossa sociedade — caracteriza-se por uma exagerada ênfase dada às realizações materiais, manejadas pelos capitalistas e aceleradas pela tecnologia, cada vez mais poderosa, representada pelas máquinas de produção e demais instrumentos de trabalho. Assim, o sistema econômico, ou melhor, o poder econômico, tem ditado suas regras no desenvolvimento da sociedade onde se enraíza; nela cresce livremente e exerce profunda influência sobre o sistema educativo. O mecanismo desta influência é de fácil compreensão: para atingir seus fins, o sistema econômico molda as universidades no sentido de atender a seus interesses exclusivos, ou seja, ensinar apenas as disciplinas diretamente úteis a ele. As universidades, por sua vez, ao exigirem cada vez menos, condicionam o ensino nos II e I Graus, levando-os, também, a exigir menos dos alunos. De acordo com a filosofia econômica, para ganhar dinheiro, a pessoa não necessita de uma instrução tão esmerada. Esta visão unilateral e materialista do desenvolvimento social, de ensinar aos indivíduos a tornarem-se meios de produ-

ção apenas, tem levado o sistema educacional a distorções de seus próprios objetivos: em lugar da formação do indivíduo para viver no meio social, desenvolve-se em favor do preparo no sentido de fazer as coisas, tendo em vista servir ao sistema econômico exclusivamente. Não se educa o homem; ensina-se a trabalhar.

O homem somente adquire características humanas quando entra em relações sociais com seus semelhantes, e relações sociais significam relações globais, e não apenas econômicas. Portanto, não se pode pretender humanizar as pessoas, ensinando-lhes apenas como ganhar dinheiro, e o que é pior, expondo-as ao esmagamento pelo poder econômico. Como decorrência, o desenvolvimento das sociedades chamadas "modernas", tem conduzido o homem à decadência moral e espiritual, onde imperam as ambições desenfreadas, a competição irracional, a rapina, as lutas pelo prestígio pessoal e pelo poder político etc. Este desequilíbrio cultural constitui o mais sério indutor das desordens sociais e da formação das sociedades de massa. As sociedades "modernas" são caracterizadas por terríveis contradições: de um lado, os progressos dos instrumentos tecnológicos, o aperfeiçoamento dos métodos pedagógicos, o avanço da medicina no campo da saúde, o aperfeiçoamento das leis jurídicas, e outros progressos nos vários campos do saber e da ação; e de outro lado, o produto final, o indivíduo como um ser cada vez mais sufocado pela vida social, cada vez mais doente, triste, desiludido, inseguro, e, como conseqüência de tudo isto, violento.

A sociedade como um todo entrou em decadência, quando abandonou seus valores de vivência humana, para adotar os valores da sociedade de consumo e da sociedade de massa. Como resultado, "O homem tem estado desde então em constante revolta contra uma sociedade que parecia relutante em ouvi-lo e incapaz de compreendê-lo." (HAUSER, 1973, p. 73). As causas destas revoltas residem no fato de que, nas grandes sociedades, o trabalho se realiza sob a forma de competição destruidora, isto é, os indivíduos lutam entre si, uns contra os outros. As pessoas esperam muito da vida, porém são permanentemente afetadas pelo sofrimento que decorre da desproporção entre duas aspirações e suas satisfações. Assim, a evolução da humanidade se dá na direção da conquista dos bens materiais a qualquer preço e da conseqüente destruição dos valores morais e espirituais. A divisão do trabalho, que deveria constituir um fator de solidariedade, leva os indivíduos a lutar uns contra os outros e os grupos a digladiar-se e destruir-se mutuamente, comprometendo a eficiência que se procurou alcançar por meio da própria divisão do trabalho. Numa sociedade com estas características, o indivíduo é despojado de todos os laços sociais genuínos de cooperação, da ajuda mútua para a conquista do bem comum; e quando menos espera, sente-se abandonado, isolado, desmoralizado, perseguido. Tudo isto pode ser condensado numa única palavra: desumanizado. Em lugar da formação de uma sociedade de interesses comuns, estamos construindo um amontoado desorganizado de homens egoístas, individualistas, como se faz um monte de pedras.

O EGOÍSMO OU INDIVIDUALISMO

Aquele tipo de homem individualista criado pela Revolução Francesa, igual e livre, que lhe outorgou muito mais direitos do que obrigações, voltado para o culto de si mesmo, está hoje causando muitos danos à humanidade. O egoísmo nele despertado pelas doutrinas individualistas "é uma forma perigosa e efêmera da criatura se ajudar" (FROMM, 1976, p. 306). O homem é descomediado por natureza e por isso não vê limites na procura da posse de bens materiais. Este impulso incontrolado de ganho material, de querer ter sempre mais, tem sido a única força a atuar sobre o homem da atualidade. Suas paixões, inspiradas exclusivamente por seus interesses particulares, fazem-no viver como "besta-fera" em ação livre nas selvas de concreto constituídas pelas grandes cidades, irracionalmente planejadas e construídas sob a orientação do capitalismo imobiliário, para seu benefício exclusivo, e não para o progresso do bem comum. Nas sociedades de individualistas como é a nossa, a ordem social genuína desaparece; para funcionar, embora precariamente, emerge o governo como a única atividade organizadora coletiva do caráter social. Mencionamos a condição precária da ação do governo, porque ele também é formado por individualistas; porém, com uma agravante: cheios de poder.

O egoísmo é fruto, não do saber que se está vivo, mas do não saber porque se vive. Para o egoísta, a vida passa a ser a anti-sensação do momento presente; ele nega os valores em favor das coisas das quais gosta. O impulso do instante, das necessidades individuais do presente, orienta a vida do egoísta; o valor do "eu" leva o indivíduo a julgar a convivência social como oportunidade de tirar proveito, para si, de tudo e de todos que o rodeiam, numa autêntica cegueira mental. Os danos, causados aos outros por essa individualidade e a ausência de bons frutos, não têm valor algum, para o individualista, desde que seja satisfeito seu gosto.

CONSCIÊNCIA COLETIVA

Insistimos na afirmação de que o mundo individualista não é o mundo real, mas um mundo ilusório, pois o homem não vive isolado, mas sim em comunhão com os outros. E uma das conseqüências mais marcantes dessa interdependência, é que o ambiente social, em virtude de sua construção física, o habitat do homem — as cidades e os instrumentos de trabalho —, e em virtude de sua constituição humana, porque formado também por homens, transforma o indivíduo, ao obrigá-lo a reconhecer sua força e seus privilégios. O ambiente social modifica o pensamento do indivíduo, condiciona suas ações, propõe-lhe novos valores e impõe-lhe uma série muito grande de obrigações. O mal é que isto é realizado sob a idéia de que as pessoas vivem no mundo como se estivessem justapostas, umas simplesmente ao lado das outras, sem nenhum elo de ligação entre elas. Esta é a grande deficiência de nossa cultura, e é o que tem levado muitas sociedades à decadência, até o colapso final. Os habitantes das cidades não se consideram membros da comunidade; mas cada um

entende que os demais devem curvar-se a seus caprichos e interesses. Não é de se admirar, pois, que todas as decisões políticas destas sociedades obedeçam à “lei do mais forte”. Tudo isto é fruto do egocentrismo que aparece na criança e não é combatido, ou melhor, reorientado pelo sistema educativo.

“Você é membro da humanidade e todo homem é um pouco de você, porque também pertence à humanidade. Você só se reconhecerá plenamente quando conhecer plenamente todos os homens” (QUOIST, 1973, p. 24). Assim, o homem egocêntrico, individualista, deve ser transformado para o homem cada vez mais voltado para o bem de seus semelhantes, capaz de sobrepor a alguns de seus desejos exclusivamente individuais, os deveres de solidariedade social e de fidelidade aos interesses comuns da coletividade da qual faz parte. Esta coletividade pode ser a família, a classe escolar, a profissão, a cultura, a nação e a pátria. É necessário, então, começar esse processo de transformação já na infância, fazendo as crianças compreenderem, não apenas a si próprias, mas também a tudo que a cerca, ou seja, o mundo das coisas e também o mundo das outras pessoas. Piaget (1959, p. 108) aconselha corrigir o egocentrismo infantil fazendo a criança “situar, ela própria em relação a um sistema de relações objetivas, o que tem por efeitos complementares a eliminação do fenomenismo em benefício de uma realidade racional e a redução das pré-ligações subjetivas”. Mais adiante (p. 113), Piaget explica melhor este processo: “Em outras palavras, a compreensão dos outros como a compreensão do mundo físico supõe duas condições: 1.^a) Tomar conhecimento de si próprio como pessoa e desligar a pessoa do objeto, (...); e 2.^a) cessar de considerar o ponto de vista próprio como o único possível e coordená-lo ao conjunto dos outros”. Isto fará as crianças compreenderem que estão vivendo em sociedades humanas, sociedades das quais elas mesmas fazem parte. “O homem não pode separar seus interesses verdadeiros dos interesses da sociedade. Ele só se pode ajudar, ajudando a sociedade” (FROMM, 1976, p. 306).

O fato de estar a sociedade humana baseada na cooperação, não significa que a competição deva ser abolida; esta constitui um elemento de estímulo à ação e ao aperfeiçoamento; por isso, a competição deve ser reduzida ao mínimo indispensável. A divisão do trabalho, por seu lado, deve ser a fonte da solidariedade e não da desagregação das instituições e da sociedade. A solidariedade nem sempre impera, porque os indivíduos, embora estejam envolvidos em um trabalho comum, têm a tendência de ver no “outro”, não um companheiro, ou um colaborador, mas um adversário que deve ser destruído. A divisão do trabalho, como fato social, requer o espírito cooperativo, pois ela se baseia na troca de bens e serviços, e se integra através da ajuda mútua para a conquista do bem comum. Isto requer que o sistema educativo promova a transferência da supremacia do espírito individualista para a supremacia do espírito de cooperação. Constitui este um grande desafio ao espírito humano: fazer com que a ação do indivíduo não se exerça apenas no sentido de controlar as forças da natureza material, como fazem os engenheiros, mas, sobretudo, controlar as forças sociais irracionais que ameaçam a sobrevivência da sociedade, e até mesmo ameaçam a sobrevi-

vência da raça humana. Os educadores devem canalizar todas estas forças na direção do bem comum.

“Estes hábitos de ‘servir’ ao bem comum” disse Oliveira Vianna (1974, p. 21), “se inculcados metodicamente, acabarão penetrando o subconsciente do brasileiro, transformando-se em **sentimentos**; em sentimentos de dever cívico; em sentimento do bem comum; em consciência coletiva; em preocupação dominante do interesse público — e a revolução está feita. Este será o novo sentido da educação da mocidade brasileira”. O que o autor pretende, e isto parece ser a pretensão de todos os educadores e professores, é a renovação dos métodos de ensino no sentido de formar “estados de consciência coletiva” (VIANNA, 1974, p. 27), deixando-se a cargo dos pedagogos as maneiras de desenvolvê-los. Isto não vem eliminar a consciência individual — pois assim cairíamos no absurdo de considerar a sociedade sem a ação das iniciativas individuais — pela absorção do indivíduo pela comunidade —, como querem os doutrinadores totalitários; mas será justamente a complementação do caráter do indivíduo, fazendo-o conscientizar-se da realidade em que ele vive, seu meio social. Desta forma, a pessoa compreenderá melhor sua própria vida e terá uma visão mais clara de seu verdadeiro papel como ser humano, “se não votados, como sacerdotes, ao bem comum, pelo menos saber sentir, com vivacidade, o interesse geral, o bem da coletividade, da classe, da localidade, da nação” (VIANNA, 1974, p. 28).

O HUMANISMO NAS ESCOLAS

Baseado no fato de que o homem somente se torna humano no meio social — do contrário não passaria de um animal selvagem — podemos dizer que o humanismo não constitui nenhuma doutrina transcendental. Considerar o homem como ser associativo e ensiná-lo a buscar suas finalidades pessoais em cooperação com os outros, a lutar pelo bem de sua comunidade, constituem a base da educação humanística. É uma técnica pedagógica por excelência, que não exigirá reformas profundas nas diretrizes da educação — do ponto de vista formal —. Trata-se apenas de uma mudança no enfoque das disciplinas ensinadas: a visão de si mesmo e a visão do outro. Com este entendimento, podem-se definir, com muita clareza, as finalidades para todas as coisas ensinadas. Por exemplo, a alfabetização destina-se a levar a pessoa a fazer uso dos meios de comunicação escrita, para permitir seu inter-relacionamento com “os outros”, hoje fundamental para a vida. O ensino da geografia destina-se a conscientizar os alunos da existência de outras pessoas no espaço terrestre e a maneira como estão distribuídas. A história vem revelar a existência das pessoas antes deles e o que fizeram. As matemáticas e a filosofia habilitam-nos a pensar com correção etc.

Todas estas disciplinas formam a personalidade intelectual do indivíduo, e habilitam-no a relacionar-se, não apenas com seu semelhante, mas também com o mundo material e espiritual. Mas, decididamente, precisam ser ensinadas com esta finalidade. Cada disciplina tem — ou deve ter — uma finalidade social, isto é, deve concorrer para a compreensão do indivíduo de sua existên-

cia relacionada com os outros. O humanismo é, então, a visão da própria pessoa e a visão do outro, a visão da presença do outro e a visão das influências recíprocas. A formação humana do indivíduo envolve todas estas questões, que devem ser abandonadas no ensino, em todos níveis.

O humanismo nada mais é do que uma atitude do indivíduo perante a vida realmente vivida por ele; esta atitude — ou comportamento — não é inata, mas aprendida no decorrer de sua existência. Tem-se procurado realizar os objetivos humanos do sistema educativo através do ensino das ciências humanas: história, geografia, educação moral e cívica, filosofia, sociologia, mas sem resultados, porque nenhuma delas é ensinada com finalidades humanísticas. Os alunos, por seu lado, vêm-nas como exigências descabidas e sem utilidade para a vida prática. Não se percebe que o objetivo do sistema educativo não é apenas formar trabalhadores, manuais e intelectuais, para fins de produção e aquisição de riquezas — egoístas e autoritários —, mas também formar o homem social, educado e humano. Como se vê, os caminhos da formação da personalidade humanística não são difíceis; e mesmo que fossem, devem ser percorridos, tendo em vista em altas finalidades a atingir.

A ESCOLA UNITÁRIA HUMANÍSTICA

A unidade do ensino, em todo o sistema educacional, deve ser obtida através da concentração dos esforços no sentido de formar o homem de espírito humanístico, ou associativo. "A escola unitária, ou de formação humanística (entendido esse termo 'humanismo' em sentido amplo e não apenas no sentido tradicional) ou de cultura geral, deveria se propor a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a um certo grau de maturidade e capacidade, à criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa" (GRAMSCI, s.d., p. 112). A visão material e imediatista do ensino, em todos os escalões, tem desviado a atenção dos jovens de seus deveres sociais, canalizando-a para os interesses individuais de cada um; também tem canalizado a cultura exclusivamente para os interesses de certos grupos como, por exemplo, os da produção. Mas a idéia unificada sobre o homem não é apenas a do indivíduo preparado para enfrentar o mercado de trabalho, da produção tecnológica, como homem inacabado, individualista e descomedido em suas aspirações. O desenvolvimento do homem, função do sistema educativo, não deve ser confundido com a busca da riqueza, mas é, sobretudo, o desenvolvimento da capacidade de organização e participação da vida coletiva. O sistema educativo deve tomar a si o comando do processo de humanização, para ensinar os membros da sociedade a unirem-se por meio dos laços da solidariedade e da cooperação; do contrário, as forças irracionais educarão o homem para a satisfação de seus próprios fins, que não são os fins humanos: o capitalismo egoístico, o sindicalismo e o totalitarismo; cada um destes, agindo a sua moda, trazem o resultado indesejado da desintegração social.

O ensino não estará completo se não contiver alto teor educativo, em todas as suas fases: I, II e III Graus. É geral a tendência de se criar uma escola

para cada atividade prática — como estão agora os industriais exigindo a formação de um engenheiro para cada produto —, deixando de lado a cultura geral, base fundamental da formação humanística. O ensino para fazer algo material — o ensino profissionalizante — estreita o horizonte intelectual do aluno: em lugar de educá-lo para a participação na vida social com seus conhecimentos técnicos, ensina-o a manusear a matéria, em direção aos interesses individuais da busca indiscriminada do lucro, do poder, do bem-estar econômico, pondo em ação apenas seus desejos pessoais, numa atitude selvagem de competição. Além disto, este ensino, exclusivamente profissionalizante, reduz cada vez mais o número de pessoas capazes de criar soluções satisfatórias para os problemas globais da sociedade.

No II Grau o aluno aprende a conhecer o mundo a seu redor, mas as ciências chamadas humanas são aí ensinadas como se fossem disciplinas destinadas a preencher um período da vida do indivíduo, antes de atingir a universidade. O aluno não é conscientizado de que a história e a geografia, por exemplo, habilitá-lo-ão a situar-se no tempo e no espaço; que as matemáticas e a filosofia ensiná-lo-ão a raciocinar; que as letras e as línguas lhes darão habilidades para comunicar-se com o resto da humanidade. O estudante deve saber que todas elas são destinadas a formar o homem para a vida em relação com os outros. No entanto, é comum ouvir muitos estudantes dizerem serem tais ensinamentos desinteressantes para sua vida profissional futura. Esta idéia vem tomando conta até das autoridades educacionais, que têm suprimido do ensino formal aquelas disciplinas que, a juízo de grupos dominantes, não atendem diretamente a seus interesses, com graves danos para a formação do homem verdadeiramente humano.

No III Grau, no nível universitário, onde o ensino deveria conter uma elevada dose de educação humanística, como coroamento de todos os esforços anteriores, é justamente onde o processo da formação humana do indivíduo é totalmente abolido. Neste estágio do ensino dá-se exagerada ênfase ao individualismo, ao ministrarem-se aos homens e às mulheres, os ensinamentos sobre a melhor forma de ganhar dinheiro. Isto acontece, talvez inconscientemente, sobretudo pelo fato de as disciplinas serem ensinadas como se fossem ilhas, sem nenhuma relação entre elas e sem nenhuma relação entre a disciplina e seus efeitos sobre a sociedade. Do ponto de vista educativo-humanístico, a grande deficiência do ensino no III Grau é dar ênfase apenas à doutrina dos meios, deixando de lado os fins sociais para os quais o profissional deve ser preparado. É justamente na universidade, onde se aprende a agir sobre o meio social, que se deve pôr em evidência a função social das profissões. Por isso, o profissional deve ser educado, tendo em vista capacitá-lo a exercer uma influência humana sobre os indivíduos e sobre a sociedade. Muitos profissionais se consideram humanos; contudo, vêm os outros indivíduos como objetos de exploração econômica. Nossa análise das atividades desempenhadas pelos profissionais levou-nos à conclusão de que grande parte da imagem que cada um deles faz de sua profissão e das funções que elas preenchem, são frutos da formação que eles recebem no decorrer de sua vida escolar.

Os profissionais superiores, como agentes das transformações sociais, são os principais responsáveis pela humanização e pela desumanização da vida. Estas transformações, que se desenvolvem em cadeia, hoje em dia, estão levando as sociedades à decadência e à beira do colapso. O sistema educativo tem a tendência de absorver a característica individualista da sociedade, e por isso, acaba por formar cidadãos mais individualistas ainda. Os educadores não podem deixar-se arrastar passivamente por estas tendências, mas deverão reagir contra elas e desenvolver um esforço tenaz, mas gratificante, destinado a inverter o sentido das transformações, ou seja, dirigi-las, da decadência para o progresso moral e espiritual, que é o autêntico processo de humanização. Cabe ao sistema educativo, em virtude de sua indiscutível

atuação sobre a personalidade de cada indivíduo, romper os elos da cadeia degenerativa, e formar o cidadão verdadeiramente humano.

A preparação intelectual e cultural, que começa no 1º Grau e termina na universidade é sempre formativa e não apenas informativa; deve conter, necessariamente, um objetivo humanístico, pois os indivíduos vão agir na sociedade orientados, sobretudo, pelo que aprenderam na escola. Ora, nosso universo é governado por uma lógica inteiramente abrangente, onde todos os fenômenos se produzem e se reproduzem dentro de um sistema de reciprocidade entre causas e efeitos. Por isto, os seres humanos devem receber, nas escolas, os ensinamentos necessários para tornarem-se basicamente lógicos, o que os tornarão essencialmente racionais, e portanto, humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERRAZ, Hermes.** *A formação do engenheiro, um questionamento humanístico.* São Paulo, Ática, 1983.
- FROMM, Erich.** *Psicanálise da sociedade contemporânea.* Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- GRAMSCI, Antonio.** *Os intelectuais e a organização da cultura.* São Paulo, Círculo do Livro, S.d.
- HAUSER, Arnold.** *Teorias da arte.* Portugal/Brasil, Presença/Martins Fontes, 1973.
- MANNHEIM, Karl.** *Liberdade, poder e planificação democrática.* São Paulo, Mestre Jou, 1972.
- PIAGET, Jean.** *A linguagem e o pensamento da criança.* Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1959.
- QUOIST, Michel.** *Construir o homem e o mundo.* São Paulo, Duas Cidades, 1973.
- REALE, Miguel.** *O homem e seus horizontes.* São Paulo, Convívio, 1980.
- UNESCO.** *A educação do futuro.* Lisboa, Livraria Bertrand, 1978.
- VIANNA, Oliveira.** *Problemas de organização e problemas de direção.* Rio de Janeiro, Record, 1974.
-
-